

MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

JUNTA DAS MISSÕES GEOGRÁFICAS E DE INVESTIGAÇÕES COLONIAIS

Missão Antropológica
de Moçambique



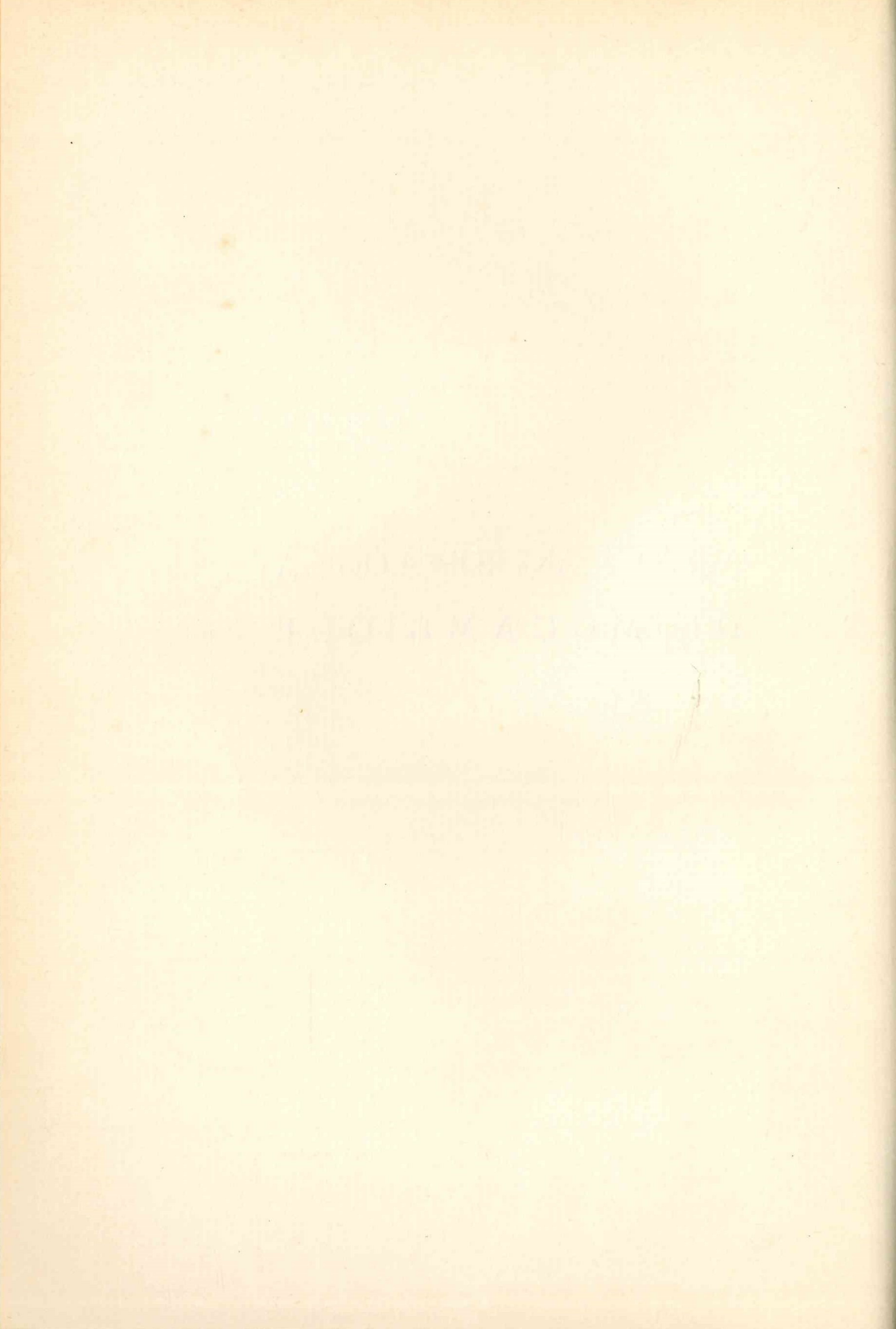
SEPARATA DOS "ANAIIS" — VOL. I

LISBOA



)
2(679)(04)
AN

MISSÃO ANTROPOLÓGICA
DE MOÇAMBIQUE



De Maio a Novembro de 1946 realizou-se a 4.^a campanha da missão antropológica de Moçambique.

Na viagem para Moçambique, como o navio demorasse no porto do Lobito dois dias e meio, resolvi trabalhar no posto da Canata, que fica a 5 quilómetros daquele porto. Ali examinei 70 pretos, assim distribuídos: Chibundos, 31; Canguendes ou Ganguendes, 14; Ganguelas, 6; Chicombas, 5; Musselas, 4; Chibalas ou Quibalas, 4; Chilengues, 3, e Chissanges, 3.

Todos estes pretos eram delinquentes e estavam presos na cadeia do referido posto. É preciso dizer-se que na área da Canata vivem cerca de 12:000 pretos, população flutuante na sua quase totalidade.

Medimos 20 Chibundos, dos quais uns se diziam Cacondas, outros Quingenges e outros Bailundos. Supondo que poderíamos atingir a vintena, medimos também 14 Ganguendes.

As respectivas tabelas de medidas (22 em cada indígena), alguns índices que determinámos e respectivas médias foram por nós enviadas de Cape Town ao Sr. Prof. Doutor Mendes Correia.

Depois da nossa chegada à Ilha de Moçambique seguimos para Nampula, capital da província do Niassa, donde partimos para o interior, tendo percorrido um certo número de circunscrições da província da Zambézia e outras do Niassa (fig. 1).

Nesta campanha, que foi particularmente árdua, nem eu nem os meus cinco companheiros nos poupámos a fadigas e cansaças, de modo a aproveitar ao máximo o tempo de que dispúnhamos.

Indubitavelmente que os resultados científicos duma missão antropológica só podem ser suficientemente expostos depois da realização plena dos demorados e fatigantes trabalhos de gabinete. Só então, com a segurança certa das determinações dos índices e seu aproveitamento estatístico, se poderão apresentar resultados concretos, fruto de fadigas sem conta durante os trabalhos de campo e de muitas horas de perseverante e cuidadoso serviço de gabinete.



Num sumário como aquele que se me pede, pouco mais se pode fazer do que dar um rol sintético daquilo que se fez.

ANTROPOLOGIA FÍSICA OU SOMATOLOGIA

É-me impossível, por agora, dar para cada uma das vinte tribos examinadas o quadro dos seus caracteres descritivos e merísticos, que, tanto uns como outros, nos mereceram especial cuidado e meticolosa observação e registo.

Poderia talvez referir aqueles caracteres que mais nos impressionaram nos primeiros contactos com a tribo. Essa primeira impressão, que tem o frescor dum instantâneo, está porém sujeita a frequentes rectificações posteriores, além de que o espaço forçadamente restrito, que se me estabeleceu, obriga à concisão.

No quadro da página seguinte procuro mostrar o que se fez no capítulo da somatologia.

PSICOTECNIA

Na 3.^a campanha da missão, realizada em 1945, iniciaram-se os trabalhos de psicotecnia. Ficaram a cargo do Sr. Dr. António Barradas, médico e professor do liceu de Lourenço Marques, que, até agora, não me apresentou os resultados desses trabalhos.

O adjunto da 4.^a campanha foi o Sr. Dr. António Augusto, antigo inspector escolar da colónia de Moçambique.

A este excelente colaborador, dotado de notáveis qualidades de trabalho, dedicação e aprumo moral, foi atribuída a secção de psicotecnia.

De um resumo da conferência feita pelo Sr. Dr. António Augusto em Nampula, em Outubro passado⁽¹⁾, extracto as passagens que seguem:

«Torna-se necessário dar à educação e ao aproveitamento das populações indígenas nova orientação e novos moldes, em

(1) Cumprindo uma disposição do decreto que criou a missão antropológica de Moçambique, o qual determina que o chefe ou os seus adjuntos façam lições de interesse geral nas capitais das províncias onde se realizarem os trabalhos de campo, fizeram-se durante a 4.^a campanha cinco lições ou conferências, três em Quelimane e duas em Nampula, e mais uma conferência em Lourenço Marques.

QUADRO COM A RESENHA DAS TRIBOS OBSERVADAS
E DO NÚMERO DE INDIVÍDUOS EXAMINADOS

Tribos	Circunscrição ou concelho	Povoação	Caracteres merísticos			Caracteres descritivos		
			N.º de casos			N.º de casos		
			♂	♀	Total	♂	♀	Tot.
Macuas	Conc. Moçamb.	Ilha de Moçamb.	38	8	46	—	—	—
»	Porto Amélia	Sede	25	25	50	—	—	—
Macás	Conc. Moçamb.	Ilha de Moçamb.	11	21	32	—	—	—
Cherimas	Malema	Sede	40	26	66	40	26	66
»	»	Mutuáli	65	—	65	26	—	25
Lómuès	Gurué	Sede	55	62	117	20	25	45
»	»	Namúli	—	20	20	—	—	—
»	Namarroi	Sede (1)	100	65	165	27	25	52
»	Lugela	Namagoa	70	30	100	23	20	43
»	Cuamba	Sede	20	20	40	—	—	—
Tacuanes	Lugela	Namagoa	69	—	69	22	—	22
»	Milange	Liciro	—	72	72	—	20	20
Alolos	Morrambala	Sede (2)	100	36	136	25	—	25
»	»	Metolola	40	42	82	—	—	—
Arrambalas	»	Sede	74	40	114	—	—	—
Manganjas	»	Megaza	26	25	51	—	—	—
Senas	»	»	8	—	8	—	—	—
Marenges	Milange	Sede	28	—	28	20	—	20
»	»	Nhazombe	20	54	74	—	—	—
Cocolas	»	Sede	17	—	17	—	—	—
»	»	Lipali	40	25	65	—	—	—
Mahones	»	Liciro	25	25	50	—	—	—
Muhavanes	»	Coromane (3)	30	30	60	—	—	—
Manhauas	Milange	Coromane	15	—	15	—	—	—
Nianjas ou Nhanjas ..	Cuamba	Sede	21	20	41	—	—	—
» » » ..	Maniamba	Metangula	30	44	74	—	20	20
» » » ..	»	Cóboè	50	25	75	25	—	25
Aiauas	Vila Cabral	Sede (4)	90	177	267	20	30	50
»	»	Litunde	30	20	50	—	—	—
»	Maniamba	Sede	30	30	60	10	—	10
Mêdos ou Metos ..	Marrupa	Sede	100	100	200	—	—	—
» » » ..	Montepuez	Sede	102	102	204	25	20	45
Macondes	Macondes	Muêda	200	102	302	22	22	44
Suãilis	Palma	Sede	180	191	371	32	37	69
Muanes ou Quimuanes	»	»	20	10	30	—	—	—
Totais gerais			1.769	1.447	3.216	336	245	581

(1) Mais 37 Lómuès só a estatura.

(2) Grupos sanguíneos em 103 Alolos.

(3) Mais 105 ♀ só com 5 medidas; nos outros 60 Muhavanes tiraram-se 60 medidas em cada indivíduo.

(4) Grupos sanguíneos em 292 Aiauas.

conformidade com as profundas modificações que se estão operando no estado social e económico da Humanidade.

«Essa nova orientação ou reforma exige, porém, o conhecimento científico prévio das diversas tribos negras, observando-as no seu *habitat* e no seu viver actual. Para o fazer criou o Governo a missão antropológica de Moçambique.

«O preto não é somente um organismo físico com forças para produzir trabalho; é também, e acima de tudo, um ser intelectual e moral, dotado de faculdades anímicas que comandam convenientemente as forças físicas, ordenando-as e graduando-as para uma vida mais perfeita e mais feliz. Não basta por isso estudar os seus caracteres somáticos, é preciso estudar também as suas faculdades anímicas, entre as quais a inteligência desempenha o principal papel. Pelo termo «inteligência» entenda-se a capacidade de adaptação a situações novas, entrando em jogo a atenção, a percepção, a compreensão, a imaginação, a memória e outros importantes poderes espirituais.

«Como é sabido, todos estes poderes podem avaliar-se e traduzir-se em números, medindo os seus efeitos comensuráveis provocados por provas a que se deu o nome de «testes».

«Os primeiros testes de inteligência, estabelecidos por Binet, no fim do séc. XIX, têm recebido sucessivos aperfeiçoamentos, tendentes a uma melhor avaliação e a uma mais fácil aplicação.

«Nas medições efectuadas pela 4.^a campanha da missão antropológica utilizou-se a escala de Yerkes, que contém 20 testes, a que correspondem 100 valores. O número destes valores obtido por cada indivíduo constitui a sua cota de inteligência.

«Com a escala de Yerkes avalia-se a inteligência global precisa em todos os ramos de actividade humana; mas um débil mental, mesmo sem capacidade para aprender a ler e a escrever, pode possuir inteligência especial para um determinado ramo de actividade e nele brilhar e ser útil a si e à Nação, competindo aos institutos de orientação profissional a função de descobrir essa espécie de inteligência».

Já foi entregue na Junta o relatório dos trabalhos de psicotecnia que o Sr. Dr. António Augusto realizou na 4.^a campanha como adjunto da missão, e por ele elaborado.

Nas medições da inteligência dos indígenas observados obtiveram os seguintes resultados:

TRIBOS	CIRCUNSCRIÇÕES	Número de observações	Cotas			
			Máxima	Mínima	Média	
Homens	Alolos	Morrambala	26	69	40	49,5
	Tacuanes	"	8	63	42	51,9
	Lómuès	Malema, Gurué e Namarroi	38	73	32	53,3
	Cherimas	Malema e Cuamba	29	72	23	53,8
	Macondes	Macondes (Muêda)	38	75	31	56,3
	Marenges	Milange	21	71	37	60,2
	Aiauas	Vila Cabral e Maniamba	30	85	46	63,8
	Nianjas	Cuamba e Maniamba	31	86	50	64,8
	Metos	Marrupa e Montepuez	46	92	34	65,3
	Macuas	Malema e Porto Amélia	15	78	54	66,9
Suãilis	Palma	31	78	53	69,4	
Mulheres	Lómuès	Gurué e Namarroi	37	58	8	40,1
	Alolos	Morrambala	6	51	34	45,8
	Aiauas	Vila Cabral e Maniamba	17	64	38	52,5

As tribos figuram no quadro segundo os valores das médias sucessivamente crescentes. Verifica-se, pois, que nos homens os Alolos são os menos inteligentes e os Suãilis os mais inteligentes.

Nas mulheres os valores não são concordantes com os dos homens observados nas mesmas tribos. Nestas, as Lómuès são as que deram piores provas, enquanto que os homens Lómuès ocupam o terceiro lugar na série masculina. A média correspondente às mulheres Alolos fica sujeita a rectificação, dado o seu pequeno número de casos.

São do Sr. Dr. António Augusto as conclusões que vão a seguir, as quais inteiramente subscrevo:

«Quando se conhecer bem a média intelectual de cada tribo poderá determinar-se o seu melhor aproveitamento, indagar-se a causa do atraso ou deficiência mental onde for notada e tentarem-se os meios de a remover.

Se este estudo se tornar extensivo à evolução intelectual da criança indígena até à idade em que esta evolução estaciona, poderá o Governo organizar, com bases seguras, o melhor ensino dos indígenas da colónia e preparar o negro de amanhã para uma vida social e económica mais útil a ele e à Nação».

ARQUEOLOGIA

Como nos demais anos, também na 4.^a campanha se procedeu a pesquisas de ordem arqueológica.

Os números 1 e 2 e 5 a 9 da carta da fig. 3 indicam as estações visitadas.

Monte de Riane

Riane fica a uns 40 ou 50 km. da sede da circunscrição de Namapa. Nele há um enorme rochedo de granito de ascensão difícil. Ali existe uma pequena gruta ou pala em cujo fundo, constituído por uma rocha negra resultante da diferenciação magmática dos elementos melanocráticos do granito, estão pintados grande número de animais, algumas figuras humanas e sinais geométricos. Estas pinturas foram descobertas há anos pelo agrimensor Pais da Cunha.

A par de algumas figurações humanas há múltiplos animais, tais como: antílopes, zebras, rinocerontes e um grande elefante.

As cores são vermelho-escuro, vermelho-vivo, vermelho-tijolo e alaranjado.

É muito possível que a cor seja uma só, o vermelho, e as gradações referidas sejam, em parte, devidas à diferente antiguidade das pinturas. Há nítidas sobreposições e pelo menos três ciclos artísticos.

O pavimento da pala é constituído por terreno arenoso saibrento. À superfície encontrei cacos de louça de faiança moderna e algumas moedas de 20 réis do rei D. Carlos.

Na escavação as primeiras camadas foram estéreis. A uns 30 centímetros apareceu cerâmica em abundância. A 60 centímetros e debaixo de grandes pedras de granito, havia muitos quartzos hialinos lascados. Entre eles vi uma linda ponta espalmada. Levei a escavação até 1^m,50 de profundidade e colhi grande quantidade de instrumentos de quartzo de tipo mesolítico.

Monte Campote

O Monte Campote fica a uns 14 ou 15 quilómetros de Metarica, povoação à margem da estrada de Cuamba a Marrupa.

Da base do monte onde acampámos até ao rochedo de gra-

nito em cuja face vertical estão as pinturas, há um desnível de cerca de 60 metros. Todos os sinais foram feitos com tinta vermelha.

Há-os de um vermelho intenso, escuro, cor de borra de vinho, e outros de tom alaranjado.

Há sinais nítidos e outros em que a tinta parece envelhecida e por isso descorada.

As pinturas são do tipo geométrico e parecem-me do mesmo tipo das do Monte Churo, que em 1945 fui ver próximo de Milange.

No Monte Campote abundam também os traços emparelhados aos grupos de dois e de três.

No grupo principal sobressaem dois sinais triangulares com barras ao alto.

As pesquisas e o remeximento da escassa terra existente junto do rochedo pintado foram absolutamente estéreis. Nem um só caco, nem um único fragmento de quartzo lascado.

As pinturas do Monte Campote foram descobertas há anos pelo topógrafo Cassiano de Sousa.

Marrere

A 46 quilómetros de Mocímboa da Praia, a estrada que segue para Porto Amélia atinge a planura conhecida pelo nome de Ensalo, junto da aldeia indígena de Marrere, régulo Faquissar.

Próximo da povoação de Marrere, dois quilómetros antes de atingir o emboque do Rio Messalo, o terreno apresenta-se formado de pequenos cabeços, de ondulação suave, semeados de calhau rolado miúdo. Ali apanhei algumas dezenas de pequenos instrumentos lascados, de quartzite e de quartzo, que suponho poder filiar no «middle-stone-age complex» sul-africano.

Misse

Na estrada que, não longe do Lago Niassa, segue de N'Gôngoè para Coboè há, logo de entrada, várias cascalheiras ou jazidas com areia quartzosa grossa.

Junto da aldeia indígena chamada Misse, a 17 quilómetros de N'Gôngoè, apanhei uma grande quantidade de instrumentos, regra geral de pequenas dimensões e feitos de quartzo.

Encontrei muitos micrólitos.

Uma peçazinha de quartzo hialino finamente retocada na ponta, é de grande delicadeza de fabrico.

Colhi alguns crescentes, pontas triangulares, faquinhas, pelo menos um buril, etc.

A estação é de fácies clactonense microlítico e pertence também ao «middle-stone-age complex» sul-africano.

Lunguice

A 7 quilómetros de Misse, ou seja a 10 de N'Gôngoè, junto do Rio Lunguice ou Linguice, encontrei uma nova estação lítica deveras curiosa.

Logo de entrada apanhei um grande instrumento, espécie de machado de mão (cutelo?, *coup-de-poing*?) de tipo chelense, e um pequeno *coup-de-poing* muito rolado. Colhi cerca de uma centena de peças pequenas.

Nesta estação há de tudo. Desde o chelense primitivo até aos micrólitos do tipo de Wilton. Há peças roladas e outras de arestas vivas. Há peças esplêndidas, finamente talhadas e retocadas, e outras obtidas por desbaste grosseiro, quase frustes.

Esta estação merece um estudo pormenorizado, o que espero fazer em próxima oportunidade.

N'Gongoé I

Na borda da estrada que vai da sede da circunscrição de Maniamba para o Lago Niassa, a uns 26 quilómetros da sede da circunscrição e a cerca de 3 antes de chegar a N'Gôngoè, vêem-se à direita e à esquerda pequenas ondulações semeadas de cascalho miúdo.

Ali apanhei algumas peças talhadas em quartzo e quartzite que provisòriamente filio no «middle-stone-age complex» sul-africano.

N'Gongoé II

1 quilómetro além de N'Gôngoè, ao lado da estrada que dali segue para Metangula, há ondulações do terreno em pequenos cabeços também semeados de cascalho miúdo.

A colheita a que procedi em rápida pesquisa não foi frutuosa. No entanto as poucas peças que apanhei levam-me a crer que estamos em presença de mais uma estação do mesmo tipo da anterior, embora mais pobre.

ETNOGRAFIA

Prosseguindo na recolha de elementos para o estudo dos usos e costumes dos indígenas de Moçambique, foi especialmente nos capítulos respeitantes à alimentação e à habitação que procurámos recolher o maior número de apontamentos.

Certos usos, que pela sua especial natureza eram apontados como específicos ou quase, mereceram-nos especial atenção e cuidadoso exame. Tal sucedeu, por exemplo, com o «Mapico», singular batuque dos Macondes, em que figuram homens com máscaras de pau e indumentária especial. Com acompanhamento de um conjunto de tambores de várias dimensões, verdadeira orquestra, os mascarados pulam e saracoteiam em convulsões de tal maneira vibrantes que, embora pouco demoradas, os deixam ofegantes.

Comprei máscaras e alguns tambores.

Não perdi o ensejo de estudar no Museu de Álvaro de Castro, em Lourenço Marques, a esplêndida colecção de máscaras existentes na sua colecção de etnografia. As mais delas próprias do «Mapico» dos Macondes.

Mereceram-me especial cuidado as mutilações.

Destas, as tatuagens são, sem dúvida, as mais importantes e as de maior interesse. Fizemos bastantes desenhos e tirámos algumas fotografias, especialmente das tatuagens faciais.

As mutilações dentárias, tão interessantes nos Lómuès, as perfurações dos lábios e do nariz, para nos respectivos buracos usarem enfeites, as mutilações auriculares, tão exuberantes nos Suàilis, foram por nós estudadas dum modo sistemático, tendo em vista averiguar, de maneira concreta, se as tão apregoadas marcas de tribo têm ou não existência real.

De um modo geral, ao menos pelo que pude observar, essa especificidade de marcas tribais, se não deixou de existir inteiramente, está hoje muito atenuada, dado o fácil e confiado intercâmbio actual entre indígenas de tribos que há algumas décadas atrás se guerreavam desapiadadamente.

A medicina indígena, como é bem sabido, constitui um importante capítulo da etnografia africana.

Consegui mais alguns cestos de «nhabézi», os doutores cafres, curandeiros com seu quê de feiticeiros à mistura.

Nestes cestos, que são, por assim dizer, a sua farmácia ambulante, levam produtos medicamentosos, tais como raízes, pedacinhos de ramos, cascas, frutos secos, sementes, etc., de certas e bem determinadas plantas; restos de animais, a saber: ossos, peles, corninhos, conchas, etc., bem como algum rudimentar instrumental cirúrgico, e, o que quase nunca falta, o instrumento ou material divinatório que, na opinião crédula dos pretos, permite ao espertalhão do «nhabézi» atinar com a causa ou causas de todos os males, adivinhando à certa o motivo da doença e, conseqüentemente, a maneira de a debelar.

Tirei muitas fotografias, fiz bastantes desenhos, arqueei nas páginas do meu diário muitos apontamentos respeitantes aos mais diversos aspectos da vida, dos usos e dos costumes das tribos com que estabeleci contacto.

Alguns desses apontamentos não são mais do que indicações para ulteriores e mais pormenorizadas investigações. Outros, porém, são o registo completo de certas atitudes, hábitos ou modos de ser que talvez valha a pena vir a publicar.

Para isso nada mais necessito do que poder dispor de tempo suficiente e de pessoal auxiliar.

Uma tarefa da natureza da que está atribuída à missão antropológica de Moçambique, com as suas quatro secções de antropologia física ou somatologia, psicotecnia, arqueologia e etnografia, não pode ser obra de um só, mas sim de um grupo de pessoas que colaborem em perfeito ajuste de esforços.

Só assim poderá ser levada a bom termo a grandiosa tarefa do reconhecimento antropológico da nossa magnífica colónia de Moçambique.

*

* *

Na África há um grande número de problemas de ordem científica que aguardam resolução conveniente.

Pelo que respeita à antropologia, os problemas de ordem demográfica ocupam, seguramente, lugar de primazia. Estes e outros problemas só se poderão resolver, ou pelo menos esclari-

recer, a curto prazo, se houver colaboração permanente de todos os que ali possuem domínios territoriais.

Os estudos de antropologia colonial são, sem dúvida, do maior interesse social, político e económico.

Basta lembrar que a maior riqueza de qualquer região é a sua gente, o seu elemento humano.

Pelo que respeita a Moçambique, os seus indígenas constituem a sua maior riqueza, a sua riqueza viva.

Os pretos, factor biológico imprescindível ao necessário desenvolvimento económico dos nossos domínios do Leste africano, constituem o seu melhor ouro, os seus valiosos diamantes negros, bem fáceis de lapidar. Basta para isso tratá-los com justiça e humanidade, cuidando-lhes do corpo, numa hábil e profícua assistência médica, e da alma, numa larga e carinhosa assistência missionária.

Médicos e missionários serão, em nosso modesto parecer, os grandes obreiros da valorização dos negros, que, repito, são o melhor ouro e a maior riqueza das nossas colónias.

Quanto mais estudo os negros e melhor os vou conhecendo, mais os admiro nas suas qualidades e virtudes, que são muitas, e os perdoo nos seus erros e defeitos, quase sempre pequenos e de fácil correcção.

Tudo quanto se faça para o conhecimento exacto da massa humana das nossas colónias, tendo em vista a sua valorização em qualidade e em quantidade, é serviço do mais alto interesse social e político. A Antropologia é, sem dúvida, o melhor instrumento ao serviço dessa valorização.

J. R. dos Santos Júnior.

Prof. extraord. da Universidade
do Porto

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY

REPORT OF THE
COMMISSIONERS OF THE
LAND OFFICE

IN RESPONSE TO
A RESOLUTION PASSED
BY THE BOARD OF LAND OFFICERS

ON THE 15TH DAY OF
MAY 1898

CHICAGO, ILLINOIS
1898

PRINTED BY
THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

CHICAGO, ILLINOIS
1898

CHICAGO, ILLINOIS
1898

CHICAGO, ILLINOIS
1898

CHICAGO, ILLINOIS
1898

CHICAGO, ILLINOIS
1898

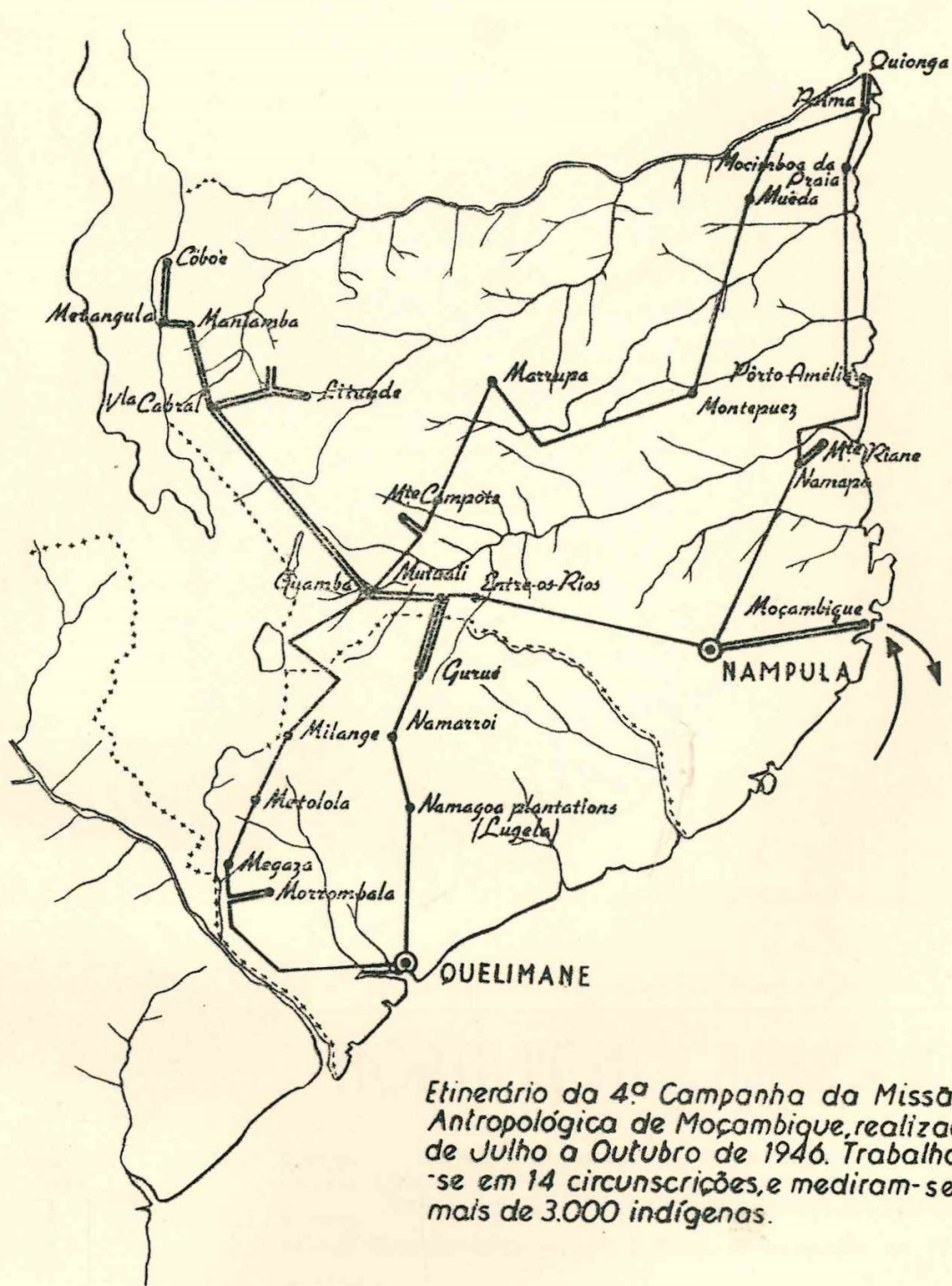


Fig. 1

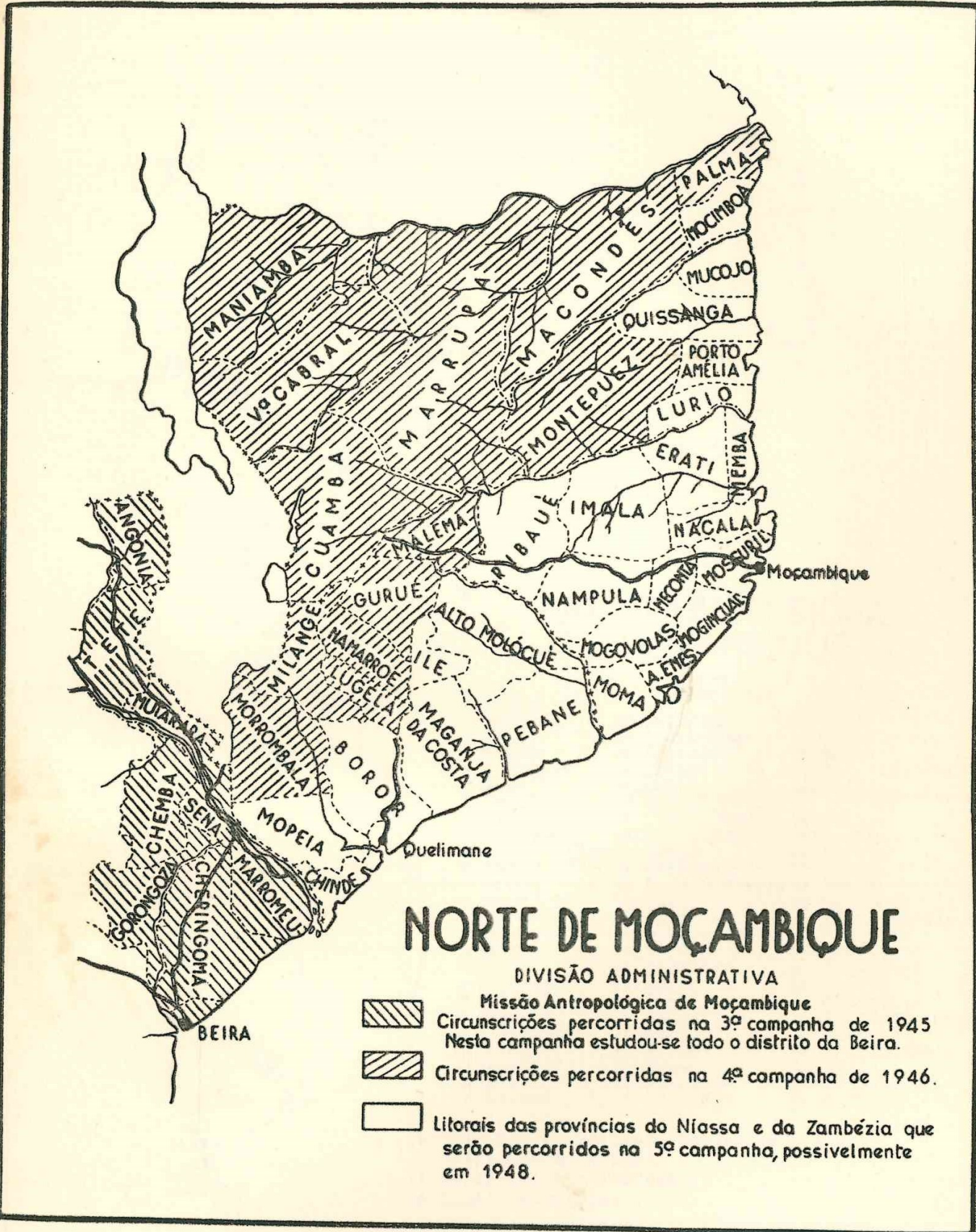


Fig. 2



Fig. 3

biblioteca
municipal
barcelos



9618

Missão antropológica de
Moçambique